

Maior credor externo aceita waiver

Citi libera US\$ 220 milhões para o Brasil comprar garantia em zero coupons bonds

FÁBIO PAHIM JR.

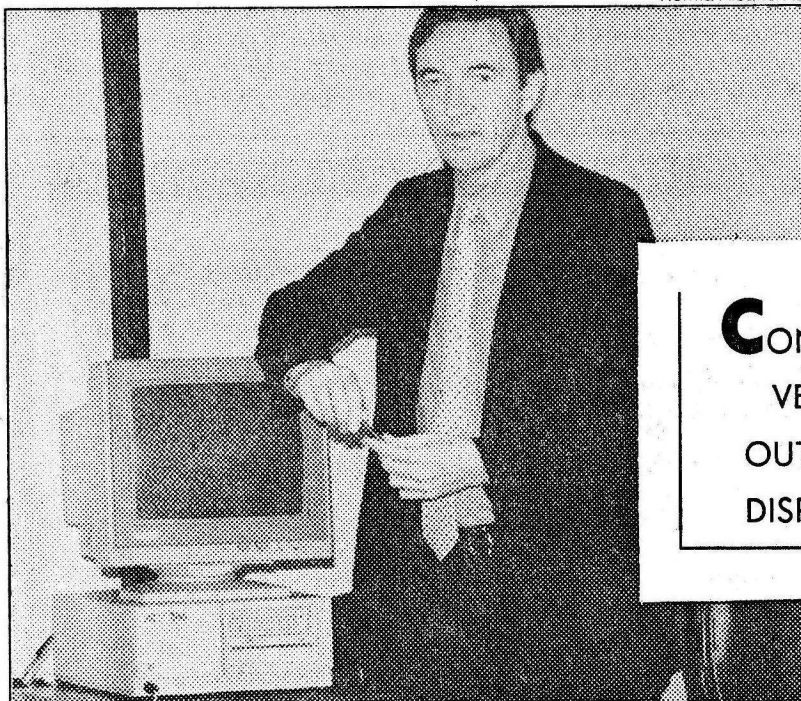
O Citibank concedeu formalmente ontem ao Brasil o waiver (dispensa) do acordo prévio com o Fundo Monetário Internacional (FMI) para a conclusão da renegociação da dívida com os bancos que poderá ser anunciada hoje. "O Citi está entrando com US\$ 220 milhões dos US\$ 2,8 bilhões que o País empregará na compra da garantia representada por zero coupons bonds do Tesouro americano", afirma o vice-presidente do Citi, Alcides Amaral. O banco é o segundo maior credor do País, depois do Banco do Brasil, com US\$ 2,5 bilhões.

Estado — A renegociação pode ser dada como concluída?

Alcides Amaral — O governo brasileiro assegurou que os títulos do Tesouro dos EUA estarão à disposição dia 15 de abril e os bancos acreditaram na palavra do negociador, Pedro Malan. Nós trabalhamos com essa data para fazer a conversão dos títulos atuais em Brady bonds. A aceitação do waiver por 19 bancos que estão no comitê assessor nós dá confiança na conclusão do acordo, que exige aprovação de 2/3.

Estado — Como vê a dívida brasileira pós-negociação com os bancos?

Amaral — A dívida externa brasileira mudou radicalmente nos últimos anos. Em vez de financiar o déficit do governo, o Brasil passou a tomar recursos por eurobonds e outros papéis. Há uma rede de investidores no mundo com papéis brasileiros e os bancos se tornaram intermediários. Em vez de 500 bancos credores, o Brasil tem um número



Norma Albano/AE

CONFIANÇA
VEM DE
OUTRAS 19
DISPENSAS

Amaral: investidores com o foco voltado para o Brasil

dez vezes mais de investidores. E cresceram muito os empréstimos para o financiamento do comércio externo.

Estado — E os nossos ganhos?

Amaral — Acertado o acordo com os bancos, concluído o plano econômico e feito o acordo com o FMI, o fluxo de recursos deixa de ser de curto prazo e especulativo, voltado para a arbitragem face ao alto juro doméstico, para ser um fluxo de investimentos, que gerará oportunidades de trabalho e crescimento da economia. Essa fase virá depois da etapa inicial. O fluxo de curto prazo é uma evidência de que os investidores estão com o binóculo voltado para o Brasil. As taxas de juros baixarão e o País poderá dobrar em pouco tempo sua participação, ridícula, de 1% no comércio mundial.

Estado — Como vê o custo da di-

compromisso do setor privado.

Estado — Há menos risco de insolvência no futuro?

Amaral — Acho que uma nova crise de dívida é mais longínqua e complicada. Com o Plano Brady, os papéis serão negociados no mercado secundário. O pressuposto é de que não ocorrerão novas renegocia-

ções. Mesmo no caso dos bonds do governo brasileiro, jamais houve calote.

Estado — Como o Citi colaborou para a conclusão do acordo?

Amaral — O Citi está entrando com US\$ 220 milhões dos US\$ 2,8 bilhões

que o País usará para comprar a garantia representada por zero coupons bonds do Tesouro americano. Isto é parte dos US\$ 330 milhões de dinheiro novo que deverão ser deduzidos dos US\$ 2,8 bilhões. O acordo com os bancos é importante, mas também é essencial o acordo com o FMI e o plano de estabilização. O Brasil começa um longo processo e em 1995, com sorte, poderá começar a investir em saúde, educação, habitação.

vida, a atual e a antiga?

Amaral — O que vem sob a forma de bonds é mais caro, mas é menor a responsabilidade do governo. O setor público não é responsável pelo pagamento dos papéis lá fora. É